



## PRIMEIROS PASSOS

### Ação colecionista e a escrita da história regional do Paraná em Júlio Moreira

### Collecting action and the writing of the regional history of Paraná in Júlio Moreira

**Felipe Cardoso De Biagi Silos (febiagisilos@gmail.com)**

Graduando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR)

**Felipe Vilas Bôas (fpvboas@gmail.com)**

Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR)

#### **Resumo:**

Este trabalho tem por objetivo investigar um conjunto de objetos salvuardados no Museu Paranaense, Curitiba-PR, com a identificação de Coleção Júlio Moreira. Composto por quase três mil bens museais, a coleção foi conformada entre 2013 e 2016, proveniente do espólio de Júlio Estrella Moreira, que além de odontologista, participou de inúmeras instituições no Estado do Paraná, como o Círculo de Estudos Bandeirantes e o próprio Museu Paranaense, no qual ocupou a função de numismata, historiador e diretor. Em um primeiro momento buscamos investigar as orientações de Júlio Moreira no que diz respeito a sua concepção de conhecimento histórico, para em seguida, investigar seu espólio, em grande parte de numismática, com o intuito de verificar conexões entre seu entendimento da disciplina da História e sua atividade colecionadora.

**Palavras-Chave:** Colecionismo; Júlio Moreira; Museu Paranaense; História do Paraná.

#### **Abstract:**

This paper aims to investigate a set of objects protected at the MuseuParanaense, Curitiba-PR, with the identification of the Júlio Moreira Collection. Composed of almost three thousand museum assets, the collection was formed between 2013 and 2016, coming from the estate of JúlioEstrella Moreira, who, in addition to being a dentist, participated in numerous institutions in the State of Paraná, including the Círculo de EstudosBandeirantes and the Museum itself, in which held the role of numismatist, historian and director. Firstly, we sought to investigate Júlio Moreira's guidelines regarding his conception of historical knowledge, and then investigate his collection, largely numismatics, with the aim of verifying connections between his understanding of the discipline of History and his collecting activity.

**Keywords:** Collecting; Júlio Moreira; MuseuParanaense; History of Paraná.

## Introdução

Com a frase “Há que procurar a verdade mesmo que ela se encontre fora dos itinerários geométricos”, Júlio Moreira<sup>1</sup> (1972, p. 16) nos apresentou a sua pesquisa sobre Eleodoro Ébano Pereira e as conexões deste sujeito colonial setecentista com as bases de fundação da vila que se tornaria a cidade de Curitiba-PR. Reunindo informações em documentação administrativa da região e do registro de relatos orais coletados por Antonio Vieira dos Santos (1922) e Auguste Saint-Hilaire (1995), ambos no século XIX, Moreira crava a região do Rio Atuba, nas proximidades da Vila Pernetá, como o ponto da primeira povoação portuguesa.

Décadas depois, a afirmativa de Moreira seria contestada, principalmente por dados arqueológicos recolhidos em pesquisas de campo nos anos 1980. Segundo o arqueólogo Igor Chmyz (1995), não seria possível afirmar que tal local fosse a gênese da cidade de Curitiba, na medida em que as escavações realizadas pela Universidade Federal do Paraná, em parceria com o Museu Paranaense e o Governo do Paraná, não foram capazes de encontrar cultura material palpável que sustentasse tal afirmativa. Inserindo a discussão em um campo de especulação controlada, o arqueólogo indicou a possibilidade de a ocupação ter ocorrido mais ao norte, nas proximidades do Rio Bacacheri (CHMYZ, 1995, p. 47).

A atenção que depositamos na querela sobre a fundação da cidade de Curitiba nos presta a compreender a dimensão da influência que Júlio Moreira exerceu sobre o imaginário local. Seu trabalho repercutiu no poder público e, no local apontado, foi construído um memorial/parque, que, entre camadas de negociação, teve o próprio autor como motivador do empreendimento (MOREIRA, 1972, p. 72-73).

A celeuma sobre a origem ou não pouco nos interessa, mas sim compreender o pensamento histórico por trás do trabalho de Júlio Moreira. Em *Caminhos das comarcas de Curitiba e Paranaguá*, outro trabalho de sua autoria, publicado em 1975, Moreira tomou como

---

<sup>1</sup>Não é nosso intuito escrutinar a trajetória de vida de Júlio Moreira em um sentido de “narrativa de vida”, na medida em que nos interesse seus escritos sobre História do Paraná e sua ação de colecionador, atravessada por sua passagem em instituições como o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná e o Museu Paranaense, este último com atuação entre os anos de 1930 e 1960.

objetos de estudos os caminhos e trajetos humanos existentes no Paraná. Diferente do trabalho sobre Ébano Pereira, o autor buscou uma camada de método de investigação ao justificar escolhas, fontes e forma narrativa.

De início travamos contato com o conteúdo pré-textual do livro, dividido em 3 volumes, que insere um valor histórico aos agentes. Se a história dos caminhos começa com a presença portuguesa, a história indígena é formatada e inserida como elemento pré-textual, em um movimento de escala inferior, com apenas três páginas destinadas ao tema, com ênfase no Caminho do Peabiru. Segundo Moreira, os caminhos indígenas foram inseridos de forma “[...] separada do estudo histórico dos ‘Caminhos das Comarcas de Curitiba e Paranaguá’, por julgarmos assunto pertinente à pré-história ameríndia” (MOREIRA, 1975, p. XXV).

Abrindo um rápido parênteses antes de nos aprofundarmos sobre os “Caminhos” de Júlio Moreira, devemos frisar que a estratégia do elemento pré-textual não era novidade para o autor. Em outra obra de sua autoria intitulada *História da medicina no Paraná: subsídios para o estudo do período colonial*, publicada em 1953, inseriu a dinâmica medicinal indígena presente no Paraná no que o autor chamou de “capítulo preliminar”. Em apenas onze páginas, o autor buscou realizar um movimento de tipificação temática ao molde etnográfico promovido por viajantes e agentes coloniais, com informação e descrição que soam mais como curiosidade do que como material de análise. Do ponto de vista do valor denotado, Moreira entendeu as populações indígenas em uma pré-história intocada pela colonização, se privando de leituras outras em debate e opinando de forma aberta e livre sobre o tema: “[...] a medicina indígena foi aquíncluído como estudo preliminar à história da medicina no Paraná, por se tratar de cultura diferente da européa e que se manteve com características próprias, durante todo o tempo colonial e imperial” (MOREIRA, 1953, p. 17).

Neste sentido, a noção de representação da alteridade, de Homi Bhabha (2013), pode ser útil para nossa análise. Segundo o autor, a produção textual sobre o Outro pode ser entendida nos processos de criação dos sujeitos, ou seja, não apenas o conteúdo revela elementos de representação, mas a subjetividade daquele que escreve também é determinante. Júlio Moreira

não era um produtor textual a serviço da alteridade colonial como os casos analisados por Bhabha, mas tinha grande intimidade com a produção escrita dos sujeitos coloniais, suas fontes, o que nos leva à possibilidade de incorporação de formas textuais dos seus informantes coloniais em sua própria escrita. Mergulhado em seu gabinete de estudos, o autor pareceu realizar o movimento de alteridade textual de organização do conhecido em detrimento da produção da crítica, como já sugeriu Roland Barthes (1988), ao indicar o processo de escrita como uma organização textual do tangível circundante ao escritor.

Voltando a obra sobre *Os caminhos do Paraná*, Moreira (1975) lança mão de documentos oficiais, relatos de viajantes e periódicos impressos para sustentar sua narrativa, apresentada de forma cronológica e evolutiva, no qual se verifica a vitória da humanidade, no caso, os homens, sobre a natureza, abrindo trânsito para o progresso material e civilizacional. Tal característica fica implícita no texto, mas é visível na estruturação do livro. De forma cronológica, Moreira sempre parte de um vulto histórico (produtor de informação documental), para situar a criação e o desenvolvimento dos caminhos, partindo das primeiras picadas coloniais sobre a Serra do Mar no século XVI até a iminência da emancipação política que daria origem à Província do Paraná, em 1853. Chama ainda a atenção o esforço do autor em vincular o elemento regional à grande história universal, aproximando contextos históricos e geográficos.

134

Pelas primeiras picadas que ligavam o litoral de Paranaguá com o planalto, subiram os predadores de índios, os faiscadores de ouro e os homens que povoaram os campos de Curitiba e os Campos Gerais. Por vias semelhantes àquelas através das quais Átila invadiu a Europa; os romanos, gauleses e bárbaros dominaram os povos vizinhos; os cruzados seguiram para as guerras da Terra Santa (MOREIRA, 1975, p. XVIII).

O autor não se indagou sobre suas fontes, pois já demonstra conhecê-las não apenas em seu conteúdo, mas no sentido conceitual. Em outras palavras, não há questionamento crítico sobre as fontes, apenas no que compete à correção de informação e datações que julga imprecisas, sendo que os documentos podem “[...] induzir o pensamento à verdade e, de outra parte, que a sua inexistência não implica, necessariamente, na negação do evento” (MOREIRA, 1975, p. XXI).

Para o autor, as fontes seriam um conjunto documental de origem “confiável” (em grande medida documentos oficiais ou livros publicados, como o periódico *Dezenove de Dezembro* e relatórios de Estado), capazes de montar um quebra-cabeça do passado. Aqui reside uma referência intelectual ao literato português Américo Cortez Pinto, com o qual Moreira espousa a constante busca pelo que denomina de “verdade histórica” que só o documental pode revelar (1975, p. XXI).

Uma história de verdade, na visão de Moreira, seria “[...] perene, sem interrupções, nem hiatos. É ela a sucessão de episódios que produziram efeitos; estes últimos, por sua vez, voltarão a ser a causa de novos episódios.” (1975, p. XXI) Se, por um lado, o autor reconhece uma característica relacional da escrita da história, por outro assume posição de verdade absoluta dos documentos, sempre de cunho “oficial”, com intenções de buscar contar com exatidão um passado capaz de ensinar aos sujeitos do presente.

Ao mesmo tempo em que carrega a bandeira da verdade documental e da função moralizante da História, que objetiva o progresso material, o autor abre margem de forma explícita para a imaginação. Tal movimento parte de um princípio de que o fato, mesmo que não documentado, não necessariamente deixa de ser verdade. Utilizando dessa comparação assimétrica de “contraprova”, Júlio Moreira declara que a oralidade deve ser um ponto de interesse do profissional da História, assim como da imaginação metodológica. Ou seja, imaginar as possibilidades de acontecimentos a partir de um referencial possível, que ao fim e ao cabo seria metafísico, do escritor criar e julgar fatos apenas quando fosse capaz de compreender o tempo passado.

O ajuizamento de um fato só é possível quando o pesquisador possuir o dom da ubiqüidade e a capacidade imaginativa de se transportar, em espírito, à época em que o evento tenha se dado, encarnar-se simultaneamente nos personagens que lá viveram e competiram, respirar o ambiente, sentir as circunstâncias e as condições da época para, então, raciocinar em função do tempo (MOREIRA, 1975, p. XXII).

Levando em conta o exposto, cabem algumas considerações sobre as posturas assumidas por Júlio Moreira e percepções críticas sobre a construção de narrativas históricas e o ofício do

historiador. Cabe aqui um diálogo com o pensamento de Brasil Pinheiro Machado. Em texto originalmente publicado em 1951 e republicado em 1987 com caráter documental, Machado expôs sua tese de como os historiadores deveriam escrever a História do Paraná. Partindo de influências como João Ribeiro (1901) e Karl Von Martius (1845), o autor indicou que a História do Brasil seria a justaposição de acontecimentos regionais que ora estavam em diálogo ora em afastamento. Os acontecimentos, portanto, se colocam como predominantemente políticos, sendo a narrativa paranaense dividida em vinte e dois capítulos, com foco em ocupação territorial e processos de deslocamento inerentes e na constituição de um território.

A tônica declina para uma narrativa universal explicativa do desenvolvimento regional como um dos alicerces do nacional. Nesse modelo se destacam os grandes feitos do passado e suas implicações econômicas que motivaram reações políticas. Tal premissa leva o autor a buscar uma história homogênea e linear, no qual o fato histórico seria fixado pela “[...] comunicabilidade da população ao longo de um território, e essa comunicabilidade tem sua base física nos caminhos e estradas” (MACHADO, 1987, p. 195).

136

As orientações de Brasil Pinheiro Machado criaram grande impacto no desenvolvimento da escrita da História do Paraná (CARDOSO; WESTPHALEN, 1981). Suas teses sobre a História do Paraná foram originalmente publicadas pelo Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, no qual não só Machado fazia parte, mas também Júlio Moreira, seu contemporâneo, ambos membros destacados da instituição.

Em sua história dos caminhos do Paraná, Júlio Moreira parece ter seguido os ditames de Machado, escrevendo:

Em sentido histórico os caminhos não se limitam a simples traços longos, sinuosos e estáticos, desenhados em mapas cartográficos. Compreendem também diversos aspectos que o definem e identificam em fases cronológicas e topográficas, ligadas a episódios de maior grandeza (MOREIRA, 1975, p. XIX).

A história dos caminhos é universal, como apontou Moreira, sendo ela parte de um crescente civilizacional que a partir do século XIX encontrou seu reinventar tecnológico, abrindo espaço para o ápice humano (MOREIRA, 1975, p. XVII).

Assim como outros intelectuais paranaenses que se lançaram à escrita da História – como David Carneiro (1991) –, Júlio Moreira estava voltado às grandes explicações e descrições do passado, com finalidades que iam desde a exortação de uma história regional orientada e organizada metodologicamente até o culto aos vultos heroicos de influência positivista: um polímata. Enquanto Brasil Pinheiro Machado buscava a consolidação de um ofício de historiador e de fortalecer a profissionalização da área (MARCHETTE, 2013), Moreira se voltava para o mundo das curiosidades bem escritas e sedutoras, com lampejos de uma abordagem mais profissional, trazendo um ar de conhecimento do passado por via da documentação amplamente transcrita, mas inocuamente criticada. Mesmo que ambos estivessem no mesmo instituto histórico, Machado construiu sua carreira junto às Humanidades da Universidade Federal do Paraná e, posteriormente, como membro fundador do Departamento de História, enquanto Moreira permaneceu no instituto e atuando junto ao Museu Paranaense como numismata e historiador.

137

Partindo do reconhecimento que a narrativa da História se dá por meio da construção e desconstrução de um relato perpassado por temporalidades múltiplas, como já apontou Reinhart Koselleck (2006), como sendo uma atividade científica de experiência, podemos apontar que o mote de Moreira era, mesmo que oscilante, o de dar a conhecer o passado para a formação dos sujeitos do presente, criando vínculos de afetividade com os sujeitos do passado que intentava cultivar posturas cívicas “[...] evitando a inoculação do desalento e do derrotismo, tão prejudiciais à alma dos jovens (MOREIRA, 1975, p. XXIII).

Como dissemos anteriormente, Moreira não estava isolado, mas convivia com outros polímatas locais e nacionais que deixaram sua marca em seu trabalho. De certa forma, o historiador dos caminhos fazia parte de uma geração capaz de constituir um espaço de experiência intelectual. Aqui novamente recorremos a Koselleck (2006, p. 20), compreendendo

uma geração intelectual como um conjunto de sujeitos históricos em maior ou menor grau de diálogo, em que compartilham situações individuais e coletivas. Estabelecidos, são capazes de criar nichos de atuação na medida em que o tempo humano é atravessado por signos sociais, declinando para um presente saturado e estruturado em múltiplos passados possíveis, carregado de intenções dos sujeitos históricos, o que Koselleck designou de espaço de experiência. A produção do e pelo espaço está diretamente relacionada aos anseios do grupo, que projetam no presente um sentido a ser alcançado no futuro como motivador social (2006, p. 310-311).

Podemos apontar até agora que o espaço de Moreira era o da narrativa universal, da verdade documental e da imaginação perante a ausência de fontes. Sua expectativa era o do cultivo do regional, criando laços afetivos entre leitor e escritor capazes de motivar ações cívicas, colocando a História do Paraná no mesmo patamar de outras narrativas consideradas não regionais.

Uma das formas de aproximação entre narrador e escritor, para além das descrições sobre curiosidades, reside na ação do autor de se colocar como um sujeito capaz de experienciar o passado, portanto, validado para narrar a “verdade dos acontecimentos”. Esse mergulho no passado, segundo Moreira, seria o da regressão mental a determinada época. Tal percepção fazia sentido ao seu propósito, da busca da verdade nas fontes na construção de uma narrativa universalista. Nesse sentido, o autor frisou que o historiador deveria “[...] vestir a roupagem e o contorno daqueles homens, manejar suas armas, caminhar os mesmos caminhos para sentir seu âmago e compreender-lhe o gesto e atitude.” (MOREIRA, 1975. p. XXIII).

Contudo, como já indicou Antoine Prost (2009), tal tarefa seria impossível, na medida em que jamais seremos capazes de recriar o passado, pois ao assumirmos que a História é um exercício narrativo artificial de um passado possível e, em grande medida, fruto do ato de subjetividade do historiador, o passado não pode ser revivido e as mentalidades não podem ser copiadas.

Ao mesmo tempo em que Júlio Moreira se dedicava a sua história regional com inclinações universais em suas linhas mestras de raciocínio, na intimidade criava sua coleção

numismática, em especial medalhística, que resultou na publicação intitulada *Catálogo de medalhas paranaense*, de 1931, posteriormente reeditado anos 1950, 1960 e 1970. Tudo isso enquanto atuava como historiador e numismata no Museu Paranaense entre os anos de 1930 e 1960, além de suas atividades no Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.

Nossa atenção se volta agora à atividade colecionadora, suas origens e forma de relação entre colecionador e objetos, que, com algum esforço, pode nos revelar mais uma camada das atividades de pesquisa realizadas por Júlio Moreira, para mais a frente, realizar algumas notas preliminares sobre o ato da escrita da História e a ação de colecionador.

### **Colecionar, narrar, representar**

Ao nos situarmos sobre a maneira que Júlio Moreira organizou sua coleção e quais itens ela continha, a ideia de coleção e colecionador aflora. Como se dá uma coleção e quais comportamentos estão por trás da atividade de proteção de agregados num mesmo ambiente são aspectos importantes e primários do colecionismo. Segundo Joseph Aslop (1982, p. 70), o ato de colecionar pode ser entendido como “[...] juntar objetos que pertençam a uma categoria particular que o colecionador acabe por gostar, como pegas gostam de coisas brilhantes, e uma coleção é o que foi reunido”. Já para Walter Durost (1932, p. 10), o que faz uma coleção é o valor que em si é agregado: sua potencialidade representativa na relação com outros objetos ou subjetividades de quem observa.

Devemos saber separar as ideias de coleção e de mera posse dos objetos: o colecionismo teria em seu núcleo características como a organização, sistemas, e em casos, o sentimento de prazer em conclusão. Uma relação íntima entre coleção e colecionador, em que o conjunto é atribuído não apenas como um passatempo, mas sim como uma ilustração de seu possuidor. Enquanto apenas possuir itens não implica a questão de tamanho cuidado em organizar, catalogar e entender o potencial que determinado item emprega, aqui o valor intrínseco seria por vezes visto e considerado importante (ARISTIDES, 1988, p. 330; BELK, 1994, p. 317-318). Saindo um

pouco de conceitos que levam o tangível em foco, a historiadora Susan Pearce (1994, p. 159) exprimiu que uma coleção só seria dita como tal, quando ela fosse pensada e vista nesses termos. Para ela, as coleções são mais do que apenas a soma das partes integrantes, mas a visão subjetiva que o próprio colecionador apresenta.

Alinhando a produção intelectual de Moreira na história e a atividade colecionadora, verifica-se uma configuração regionalista e descritiva da identidade paranaense. Plausível é a ideia de uma possível tentativa de conexão com o passado através da numária, essa que passa para os espectadores, por meio de seus aspectos visuais, situações em que o Paraná estava inserido, fazendo com que esse contato deixe a análise sobre o antigo como uma tarefa para suas mentes.

Pearce (1994) faz a divisão do conceito de coleção em três partes, sendo elas: os souvenirs, os objetos de fetiche e coleções sistemáticas. A primeira, respectivamente, é criada a partir de experiências que o indivíduo atribui ao contato com o objeto em uma acepção de propriedade. Como um óculos que foi deixado como herança de algum parente, o significado que ele tem é visto apenas por quem sentiu e viveu o contato com o antigo dono. O souvenir traz uma certa aura romântica em si, fazendo com que um mesmo objeto tenha diferentes interpretações. Os souvenirs servem como um portal da memória (PEARCE, 1994; STEWART, 1992, p. 132-150).

Já os objetos de fetiche, em que se inserem as coleções ditas obsessivas, os elementos não são necessariamente elaborados, mas tendem a acúmulo de semelhantes, o que também se aplica a museus. Como nos souvenirs, a relação entre o construtor e a coleção existe em sua forma representativa, mas diferente da primeira classificação apresentada, em que o objeto tem sua narrativa definida, aqui ele mesmo carrega e define sua representatividade. Com isso, o próprio acervo traça a personalidade do colecionador e cria a sua narração romântica.

Trabalhando com exemplares escolhidos para que representem os demais existentes de sua mesma forma, as coleções sistemáticas, última categoria mencionada por Pearce, funcionam com a ideia de completude de séries formadas por objetos relacionados entre si em algum tema.

Feita para ser uma limitada tarefa colecionista, tem também como meta poder ser usufruída em ambientes de ensino, convencendo com sua aparição o ponto do apresentador. São dotadas de organização, pesquisa e medidas cuidadosas na questão de como estão sendo preenchidas, prezando pela já citada completude de uma série. Podemos relacionar essa maneira de erguer uma coleção com algo que é diariamente visto no cotidiano da numismática, em feiras, eventos, reuniões e até mesmo em locais informais: conversas entre colecionadores sobre a troca de um exemplar de sua coleção por outro igual, geralmente alavancado pelo estado de conservação superior do novo membro de sua série. Porém, diferente dos fetichistas, o modelo semelhante, que foi mudado, será passado adiante e não acumulado.

Com esse cenário em vista, coleções numismáticas eram primeiramente destinadas a bibliotecas, que armazenavam os itens relacionando-os majoritariamente às produções literárias, acadêmicas e históricas, na medida em que buscavam representar certos meios documentais em torno das relações sociais. Pioneiro nessa prática, o diretor da Biblioteca Nacional de Paris, Guillaume Budé (1467-1540), institucionalizou tal inserção e auxiliou para esta se espalhar por outras instituições, como a observada no Museu Histórico Nacional do Brasil. Tal premissa ganhou notoriedade no início do século XX, por conta do conteúdo informacional relevante que as moedas, medalhas, cédulas e demais itens relacionados demonstraram trazer. Sua classificação, assim, era próxima a de livros e outros documentos (FLORENZANO, 2008). A forma de salvaguardar os itens de classificação específica mudou conforme o tempo e surgiram novas visões acerca do que a numismática poderia transmitir além do seu valor documental. Tira-se de foco as narrativas que carregam em si para também revelar o teor artístico que suas iconografias carregam, ultrapassando a área de arquivos e adentrando o campo das expressões artísticas. Assim, conseqüentemente, amplia seu caminho de significados, migrando, na atualidade, para áreas diversas.

Apoiando-se nisso, podemos especular, a partir da apresentação elaborada para com sua coleção, o entendimento da numismática para Júlio Moreira como uma apropriada fonte de

dados, útil para então estruturar a sua ideia de sociedade e se indagar mais sobre o seu funcionamento, origens e particularidades.

Tamanha conexão com a materialização do passado é vista como uma característica inerente do colecionismo. O prazer intelectual com que o processo de pesquisa atinge os colecionadores faz com que esse passatempo mantenha quem a ele é interessado fixado neste espaço, se perpetuando e assim preservando o interesse daqueles que o têm como uma experiência atraente, algo próximo do que frisou Marc Bloch (2001) sobre uma das ações do ofício do historiador.

Sobre a relação entre objeto, coleção e espectador, o historiador polonês Krzysztof Pomian destacou como os artefatos que compõem uma coleção externam, a partir da sua exposição à visão, inúmeras informações, pontuando que:

Todos estes objectos são portanto intermediários entre os espectadores e o invisível: as estátuas representam os deuses e os antepassados; os quadros, as cenas da vida dos imortais ou os acontecimentos históricos; as pedras, a potência e a beleza da natureza, etc. (POMIAN, 1977, p. 65).

142

A Coleção Júlio Moreira exhibe como núcleo principal a exonomia – também conhecida como paranumismática, itens sem valor econômico –, passando a fazer parte do acervo do Museu Paranaense algumas décadas após sua morte, respeitando e seguindo as vontades do ex-diretor desta instituição cultural. O Termo de Doação, s/n (2013), assinado por familiares, conta com sete cláusulas, sendo a sexta expositiva da sua vontade de doação de suas peças ao Museu. Ainda se debruçando no termo, é colocado em outras cláusulas tópicos como quantidade de itens que engloba, informações sobre os doadores, condições e encargos nela imposta, maneiras de utilização do material recebido, dentre outros.

O caminho que a doação seguiu foi dividido em duas partes: a maior delas doada em 2013, com 1.184 objetos, seguiu um processo burocrático e legal corretamente aplicado, mesmo muitas peças não integrantes da contagem apresentada anexa ao documento se viram agregadas ao lote final da contribuição. No ano de 2016, a segunda doação feita pela filha de Júlio Moreira chega ao

Museu Paranaense, porém o seu conteúdo difere de forma intrigante do primeiro conjunto recebido, composto por cédulas de três países, Alemanha, Áustria e Polônia, essas em sua maioria emergenciais do pós primeira guerra mundial. O segundo Termo de Doação, n.06 (2022) foi realizado no ano de 2016, mas só foi firmado em 2022.

A intenção de Moreira em doar os itens ao Museu Paranaense, sua casa de trabalho por décadas, configura-se como uma postura comum entre colecionadores, que ora oscilavam entre criar seus próprios lugares de memória, como indicou a pesquisadora Carina Martins Costa (2012, p, 40-41) sobre a atividade colecionadora de Alfredo Ferreira Lage em Minas Gerais; ora buscavam incorporar suas doações em instituições museais, como o caso de Júlio Moreira. Todos, em maior ou menor grau, buscando o campo do simbólico para afirmação política e social em um jogo de forças que Pierre Bourdieu (1999, p. 272) chamou de “arbitrio das admirações”, dialógico com o que comentamos anteriormente sobre a geração intelectual, no qual tanto o ato de colecionar quanto o museu se enquadram como território de disputa.

Unificando as duas chegadas de sua coleção, uma simples contagem e vistoria nos ajuda a reconhecer como era disposta e então tentar entender os objetivos que Júlio Moreira tinha no colecionismo. São atribuídos 2.735 itens, dos quais 95% têm categorização numismática: 1.581 medalhas e 907 cédulas e 110 fichas. A primeira, respectivamente, em sua grande maioria brasileiras e com o cerne em peças pertencentes ou que fazem alusão ao estado do Paraná, como homenagem a personagens históricos, sendo até mesmo um deles o pai do colecionador, Fernando Moreira, comemorando eventos, feiras, exposições e aniversários. Já a medalhística estrangeira é consideravelmente modesta, com apenas alguns itens de países europeus e americanos, em especial a França, Itália, Alemanha, Espanha, Estados Unidos da América e Argentina, que integram em maior parte essa divisão. A outra classificação de itens referida, as cédulas, que ocupam 33,2% da composição numismática, se restringem a três países, destacando-se a Alemanha, seguido por Áustria e então Polônia, sendo cédulas emergenciais, mais conhecidas como Notgeld no meio da numismática, que nesse agrupamento dominam de forma categórica as estatísticas de papel moeda.

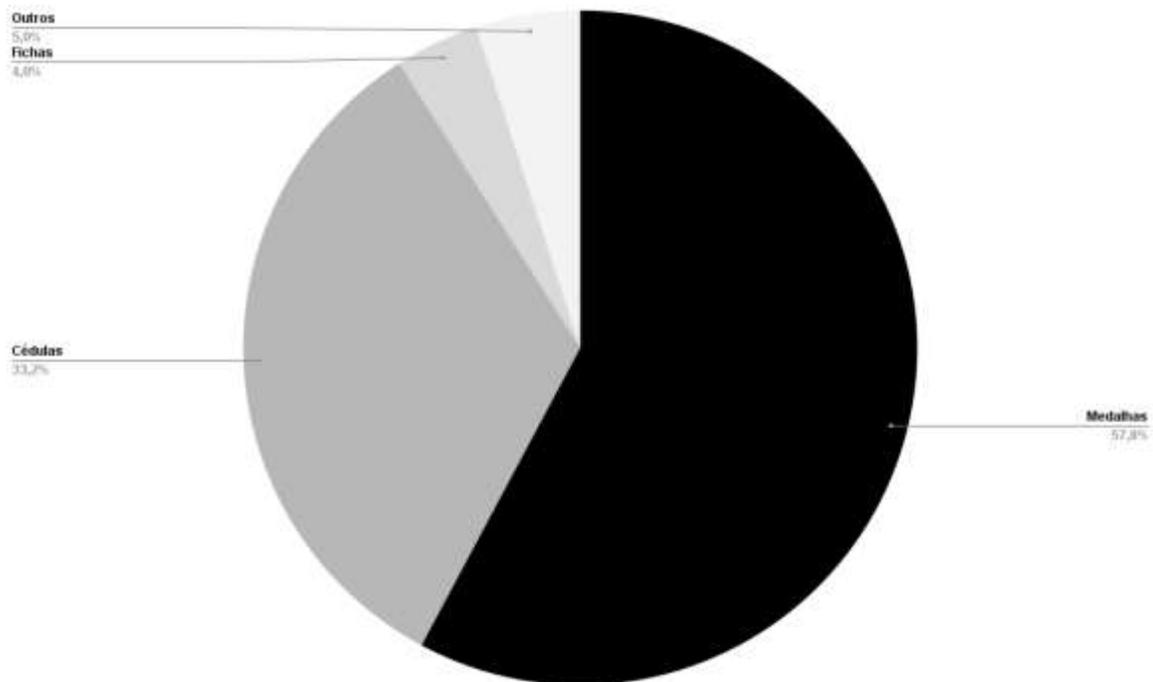
Fotografias são parte mínima da coleção, com apenas 14 exemplares, em geral capturas de paisagens, cidades, personalidades conhecidas e monumentos, majoritariamente do estado do Paraná e da sua capital, Curitiba. Nesta categoria, estão imagens de personalidades regionais, entre eles Alfredo Andersen e Guido Straube, do monumento em homenagem ao Marechal Floriano Peixoto, na Praça Tiradentes, a outros espaços urbanos, paisagens de cidades paranaenses, dentre elas Campo Mourão, Maringá e outras sem a localidade especificada. Dois cartões de visita fazem a quebra do padrão que estava sendo observado até então, ambos confeccionados fora das divisas paranaenses.

São quatro as correspondências que fazem parte da coleção proveniente da doação da Família Moreira. Uma delas, datada de 1959, chama mais a atenção aos participantes assíduos do meio da medalhística nacional, sendo destinada a Júlio Moreira por Kurt Prober, imigrante alemão naturalizado brasileiro, o qual tem seu nome gravado na numismática nacional, que por décadas dedicou parte de seu tempo livre ao lançamento de livros e catálogos referentes à numismática, mantendo o foco principal em peças brasileiras. Publicou catálogos como *Manual de Numismática* (1944), *Catálogo das Moedas Brasileiras* (1966) e *Circulação de Ouro em Pó e em Barras no Brasil* (1990) (PENNA, 1981). Na correspondência, há uma espécie de oferta negociável para a troca de itens que os numismatas possuíam em seus acervos pessoais. Prober era dono de uma medalha da cidade de Paranaguá que interessaria a Moreira, já que este detinha uma medalha maçônica “triangular de prata” que motivava a troca de acervo.

O escrutínio dos componentes da coleção feito brevemente acima foi realizado pelos seguintes agrupamentos: Medalhas, Cédulas, Fichas e Outros, sendo o último a condensação de objetos que não apresentam uma carga volumétrica tão significativa no total, ao ponto de não disporem de uma única categoria para si ou, no geral, destoar dos bens numismáticos.

Ao tirar de vista as medalhas, fichas e cédulas da coleção de Moreira, percebemos uma diversidade incomum nos 5% de objetos nela encontrados. Portanto, cria-se a dúvida sobre quais critérios foram utilizados para que justamente tais materiais fossem destinados ao Museu Paranaense por meio da Família Moreira. Cédulas, medalhas e fichas são de fácil entendimento,

por conta da relação próxima que Moreira mantinha com a Sociedade Numismática Paranaense e de ter exercido a chefia de História e Numismática do Museu Paranaense na primeira metade do século XX. Porém, blocos de papel, uma única folha de discurso, poucos livros, abotoaduras, botons, moedas – entre as duas existentes na coleção, um cauri (búzio monetário) – e até mesmo um único crachá nos traz a ideia de que foram apenas “restos” de mudanças feitas pela família, assim encontrados e então trazidos juntamente com as medalhas – únicos itens detalhados no termo de doação – para constituir parte do acervo do Museu Paranaense.



**Gráfico 1.** Composição agregada da Coleção Júlio Moreira  
**Fonte:** Os autores, 2024

Antes de serem destinados a acervos particulares ou públicos, os artefatos possuíam a sua função primária ainda operante, seja uma moeda para concluir pagamentos, sacos para armazenamento ou um capacete para proteção. No momento em que são incluídos em uma

colecção, novas possibilidades ganham força, sendo construídos diferentes valores, como finalidades econômicas, no qual movimentam o mercado do colecionismo, especialmente em coleções particulares (POMIAN, 1984, p. 51-52), local onde também atuam na ideia de prazer pessoal no contato com algo passado (DANET; KATRIEL, 1994, p. 229).

Pomian (1984) classificou esta categoria de objetos como semióforos, cuja utilidade original não se encontra mais nele aplicado, mas tem em si certo significado, apresentado ao ser exposto ao olhar, não mais ao seu manuseio. Passam, nesse momento de transição, a representar algo que não pode ser assimilado apenas na visão simplista e mais comum, essa configurada em ver o objeto apenas pela sua manifestação tangível. Breves exemplos de semióforos encontram-se em materiais que anteriormente tinham como propósito o toque, seja em demonstrações culturais ou manuseios do dia a dia, e hoje ficam protegidos por vidros em museus, onde são mobilizados para resgatar e narrar determinado assunto a partir de sua exposição, fazendo parte de ações educativas que utilizam o espaço museal como lugar de educação não formal e preservação.

O semióforo está estabelecido em dois suportes, a sua materialização e significado, ou o visível e o invisível, respectivamente, hierarquizados de acordo com suas funções e origens, criando um sistema de valores. Neste sentido, para além do colecionismo, a ação museal também realiza suas manipulações. Segundo Luciana Sepúlveda (2005), as coleções em museu são frequentemente manejadas para sustentar narrativas em momentos específicos. Nesses casos a organização tradicional que se espera da coleção é deixada de lado e então instalações expositivas acerca do assunto são construídas. Com essa fuga do original pensado pelo colecionador, a distorção do propósito anterior é aplicada a outras áreas pelo museu, provavelmente nunca exploradas anteriormente da forma que eram dispostas.

Uma forma significativa de legitimar uma coleção para alguns colecionadores reside no encontro de itens similares em espaços de memória como os museus. Essa conclusão passa a ideia de que sua missão e a de sua coleção foi perfeitamente concluída ao preservar parte do passado (BELK, 1994, p. 320). Algo semelhante é percebido com o caminho contrário, quando um item que alguma vez pertenceu a uma instituição importante acaba por integrar sua coleção.

Cotejando as três tipificações colecionistas citadas anteriormente junto à ação colecionadora de Júlio Moreira, podemos localizar duas acepções: fetichista e sistemático. Em sua maneira de colecionar, aspectos fetichistas, como o acúmulo de itens que se repetem, notado nas dezenas de medalhas que não apresentam variações entre si. Uma das dúvidas que foram postas sobre essas repetições foi a origem de tais duplicatas, suposições como doação de amigos que participavam do ofício da cunhagem, eventos em que recebia mais de um exemplar, ou apenas a compra compulsiva e o desejo de posse exacerbada, como é recorrente no meio do colecionismo, independente de época e localização.

Sobre o caráter sistemático, podemos exemplificar por meio de um pequeno catálogo datilografado e manuscrito de Júlio Moreira, desenvolvido para auxiliar o Museu Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro a executar seu próprio catálogo numismático. Nele, sua coleção de moedas, fichas e medalhas está totalmente descrita e organizada por meio de descrições detalhadas para fins de classificação. Era dividido primariamente conforme a natureza do item, separando as medalhas das moedas, e então dentro dessas subdivisões, eram divididas entre o país que cada item tinha como origem. Como escreveu em seu catálogo, as moedas estrangeiras foram organizadas de forma cronológica. Já as medalhas, da seguinte maneira: primeiro as paranaenses por ordem cronológica, seguidas pelas brasileiras, também obedecendo à ordem cronológica – caso a data seja inconclusiva, a ordem alfabética deve ser adotada –, e por último as medalhas estrangeiras, dispostas no catálogo em ordem alfabética pelo país ao qual pertencem. (MP.MO.1752) Moedas particulares paranaenses se encontram em relação separada, já as brasileiras e estrangeiras são ambas ordenadas alfabeticamente. Notável sendo o nível de organização e zelo por esse recorte da coleção de Júlio Moreira, é de simples percepção a aplicação da categoria do colecionismo sistemático.

147

### **Entre colecionar e historiar**

Ao cruzarmos as produções da escrita da História exercida por Júlio Moreira e sua atividade de colecionador no campo numismático, podemos observar alguns aspectos de mutualidade entre as operações, especialmente em caráter de construção de uma noção de História e sua relação com o ofício do historiador.

Se até agora vimos que a conformação de uma coleção indica a subjetividade do interesse e desejo do colecionador, trazendo à tona nuances do indivíduo, não surpreende a atenção delegada ao regional por Júlio Moreira, incluindo sua atividade de escritor. Mais ainda, a absorção de seu espólio no Museu Paranaense também vai ao encontro de uma das características da instituição, de preservação e difusão de questões ligadas à identidade paranaense. A sua larga atuação na instituição é apenas uma camada a mais para o interesse do museu em agregar os bens numismáticos, mesmo que com ruídos manifestados por objetos desconexos, como observados nos 5% de bens que fogem ao conjunto amplo da coleção.

Na sua atividade sistemática de colecionador, Moreira buscou de forma contínua aliar cronologia e descrição. Seja de forma mais evidente em seu *Catálogo de Medalhas do Paraná* (1959) ou ainda em sua epopeia *Caminhos das comarcas de Curitiba e Paranaguá* (1975), no qual as primeiras picadas na serra levaram ao planalto, depois aos caminhos de terra e pedra, em uma linha evolutiva da tecnologia, no espraiamento humano e das estruturas coloniais.

Em outras palavras, seus escritos colocam a História do Paraná a partir da chave cronológica e de descrição documental, visando uma linha progressiva entre passado e presente, com intenções cívicas e de “verdade histórica”.

Podemos também observar algumas conexões intelectuais no campo da produção de textos sobre o passado, em especial com Brasil Pinheiro Machado e as formas de narração de fatos e eventos forjadores de um presente, na visão do autor. Quando o documental não atendia mais às necessidades, a imaginação ocupava espaço. Este último dado é interessante, pois mesmo sem manifestar diálogos – como de costume em suas linhas –, podemos aproximar Moreira ao polímata britânico Robin Collingwood (1981), no qual a imaginação histórica atuaria como um

critério na construção de uma “verdade histórica” por meio da mediação cognitiva: um mergulho no passado.

Outro ponto curioso que mereceria maior atenção e dedicação, impossível neste momento, seria o de pensar o valor da manualidade artística aplicada ao interesse de coleção numismática por Júlio Moreira em contraponto com sua insistência narrativa de colocar, por exemplo, a presença indígena sempre em um lugar “invisível”, no sentido de uma ausência histórica absoluta, sendo seu legado absorvido e valorizado apenas quando transformado por não indígenas. Esse ponto abre caminho para um debate sobre a dicotomia natureza/cultura e as formas de apropriação e transformação do mundo natural enquanto traço civilizacional, aprofundando ainda mais uma reflexão sobre o ato de colecionar. Por mais instigante que isso se demonstre, não temos condições no momento de levar adiante o debate, cabendo maior aprofundamento ao longo da pesquisa que não se encerra neste artigo.

Por mais simples que sejam as linhas realizadas, nosso intuito foi demonstrar a capacidade de se pensar a escrita da História em cruzamento com a ação colecionista que, no nosso caso, acabou por ser absorvida por uma instituição pública, o Museu Paranaense. Portanto, cabe aos espaços museais pensar a historicidade de seus acervos e formas de trabalho com os mesmos, levando em conta sua trajetória, fugindo da simplicidade do uso ou desuso por ausência de informações ou desinteresse conceitual. Nossa contribuição reside na potencialidade de investigação sobre acervos numismáticos e sua relação com construção de narrativas históricas e identitárias, seja para fins de investigação ou na produção de ações culturais como exposições.

149

## Referências

ALSOP, Joseph. *The rare art traditions: a History of collecting and its linked phenomena*. New York: Harper & Row, 1982.

ARISTIDES, Nicholai. Life and letters: calm and uncollected. *American Scholar* v. 57, n.3 p. 327-336, 1988. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41211543>. Acesso em: 20 mar. 2024.

BARTHES, Roland. *Da obra ao texto: o rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BELK, Russel. Collectors and collecting. In: PEARCE, Susan (ed.). *Interpreting Objects and Collections*. London/New York: Routledge, 1994. p. 317-326.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BLOCH, Marc. *Apologia da história. Ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

CARDOSO, Jayme Antonio; WESTPHALEN, Cecília Maria. *Atlas histórico do Paraná*. Curitiba: Indústria Graf. Projeto, 1981.

CARNEIRO, David. *O Cerco da Lapa e seus heróis: antecedentes e consequências da Revolução Federalista no Paraná*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1991.

CHMYZ, Igor. Arqueologia de Curitiba. *Boletim Informativo da Casa Romário Martins*, v. 21, n. 105, p. 5-54, 1995.

COLLINGWOOD, Robin. *A idéia de história*. Lisboa: Editorial Presença, 1981.

COSTA, Carina Martins. Alfredo Ferreira Lage: o colecionador mineiro e a nostalgia do passado. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano. *Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012, p. 37-50.

DANET, Brenda; KATRIEL, Tamar. No two alike: play and aesthetics in collecting. In: PEARCE, Susan (ed.). *Interpreting Objects and Collections*. London/New York: Routledge, 1994, p. 220-239.

DUROST, Walter. *Children's collecting activity related to social factors*. Nova Iorque: Bureau of Publications, Teachers' College – Columbia University, 1932.

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. Classicismo e coleções de moedas no Brasil. In: CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (orgs.). *A tradição clássica e o Brasil*. Brasília: Fortium, 2008, p. 159-170.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à dinâmica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto – Editora PUC-Rio, 2006.

MACHADO, Brasil Pinheiro. Esboço de uma sinopse da história regional do Paraná. *História: questões & debates*, n. 14, p. 177-205, jul-dez, 1987. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/issue/view/2046>. Acesso em: 07 mar. 2024.

MARCHETTE, Tatiana Dantas. *A trajetória de Brasil Pinheiro Machado e a construção da historiografia regional do Paraná no território acadêmico; 1928-1953: do poema ao modelo historiográfico*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

MOREIRA, Júlio. *História da medicina no Paraná: subsídios para o estudo do período colonial*. Curitiba: Associação Médica do Paraná, 1953.

MOREIRA, Júlio; LANGE, Ernesto Germano. *Medalhas do Paraná; catálogo publicado pela Secção de História do Museu Paranaense*. Curitiba: Tipografia. João Haupt, 1959.

MOREIRA, Júlio. Eleodoro Ébano Pereira e a fundação de Curitiba à luz de novos documentos. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*, v. XVI, p. 3-148, 1972.

MOREIRA, Júlio. *Caminhos das comarcas de Curitiba e Paranaguá (até a emancipação da província do Paraná)*. Curitiba: Imprensa Oficial, 1975.

MP.MO.1752 –*Carta de Kurt Prober à Júlio Moreira, falando sobre medalhas de Paranaguá*, 1959. Coleção Júlio Moreira / Acervo Museu Paranaense.

MP.MO.1778 –*Bloco de Papel - Relação de medalhas e moedas de Júlio Moreira*. Coleção Júlio Moreira / Acervo Museu Paranaense.

PEARCE, Susan (ed.). *Interpreting Objects and Collections*. London/New York: Routledge, 1994.

PENNA, João Fernandes. Camões na medalhística brasileira. *RIHGB*, n. 330, Brasília/Rio de Janeiro, p. 159-189, jan-mar, 1981.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: ROMANO, Ruggiero (dir.). *Enciclopédia Einaudi, Memória-História*. Porto: Imprensa Oficial – Casa da Moeda, 1984, p. 51-86.

POMIAN, Krzysztof.. La Culture de la Curiosité. letemps de la reflexion. In: MAZAURIC, Simone. *Histoire des sciences à l'époque moderne*. Malakoff: Armand Colin Éditeur, 2009, p. 337-359.

PROBER, Kurt. *Catálogo das Moedas Brasileiras*. São Paulo: Gráfica Canton Ltda, 1966.

PROBER, Kurt. *Manual de Numismática*. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1944.

PROBER, Kurt. *Ouro em pó e em barras – meio circulante no Brasil 1754-1833*. Rio de Janeiro: Princeps Gráfica e Editora, 1990.

PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. São Paulo: Editora Autêntica, 2009.

RIBEIRO, João. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Cruz Coutinho, 1901.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pela Comarca de Curitiba*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1995.

SANTOS, Antonio Vieira dos. *Memória histórica: chronológica, topographica e descriptiva da Cidade de Paranaguá e seu município*. Curitiba: Museu Paranaense, 1922.

STEWART, Susan. *On Longing: Narratives of the Miniature, the Gigantic, the Souvenir, the Collection*. Durham/London: Duke University Press, 1992.

*Termo de doação s/n*. Arquivo institucional do Museu Paranaense, 2013.

*Termo de doação n. 06/2022*. Arquivo institucional do Museu Paranaense, 2022.

152

VON MARTIUS, Karl Friedrich. Como se deve escrever a História do Brasil. *RIHGB*, v. 6, n. 24, p. 381-403, 1844. Disponível em: <https://11nk.dev/1ExsY>. Acesso em: 29 fev. 2024.

**Primeiros Passos**

Recebido em: 10 abr. 2024.

Aprovado em: 29 ago. 2024.